

Capim Limão:
**Ensaio sobre produção do conhecimento,
material didático e outros textos**

Organização:
Maurício Castanheira

Copyright© 2015 Maurício Castanheira (Organizador)

Título Original: Capim Limão: Ensaios sobre produção do conhecimento, material didático e outros textos

Editor: André Figueiredo

Editores Eletrônicos: Luciana Lima de Albuquerque

Revisão técnica: Alline Viana e Rafael Alvarenga

Conselho Editorial:

Antonio José Caulliraux Pithon (CEFET/RJ)

Antonio Martinez Fandino (UFRRJ)

Lélio Moura Lourenço (UFJF)

Maurício Castanheira (CEFET/RJ)

Míriam Carmen Maciel da Nóbrega Pacheco (CEFET/RJ)

Mírian Paura Sabrosa Zippin Grinspun (UERJ)

C346 Castanheira, Maurício

Capim limão: ensaios sobre produção do conhecimento, material didático e outros textos / Organizador: Maurício Castanheira. — Rio de Janeiro: Publit, 2015.
280 p. ; 25 cm.

ISBN 978- 85-7773-857-1

Inclui bibliografia

1. Educação - Brasil. 2. Filosofia da Educação. 3. Produção do conhecimento. I. Título.

CDD 370.10981

CDU 37(81)

PUBLIT SOLUÇÕES EDITORIAIS

Rua Miguel Lemos, 41 salas 711 e 712

Copacabana - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22.071-000

Telefone: (21) 2525-3936

E-mail: editor@publit.com.br

Endereço Eletrônico: www.publit.com.br

Sumário

Breve explicação sobre a escolha do Capim Limão	7
Rafael Alvarenga	
APRESENTAÇÃO	9
Rafael Mello Barbosa	
PREFÁCIO.....	11
Maurício Castanheira	

Textos sobre produção social do conhecimento

A BUSCA PELA FELICIDADE: UM CONCEITO FILOSÓFICO PARA SE TRABALHAR COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	21
Angélica Lino Pacheco Paiva	

A FILOSOFIA AFRICANA FILOSOFIA AFRICANA: AFIRMAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DE SUA EXISTÊNCIA.....	38
Katiuscia Ribeiro	

CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: APRENDIZAGEM E TRANSMISSÃO.....	53
Maria de Lourdes Bastos e Alline Soares Viana	

A EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	73
Miguel Angelo Castelo Gomes	

O MITO DE SÍSIFO ENQUANTO BASE DO PENSAR EXISTENCIAL.....	84
Patrícia dos Reis Costa de Arruda	

A CRISE COMO OPORTUNIDADE DO ENSINO DE FILOSOFIA NO COLÉGIO CEFET A PARTIR DA FILOSOFIA DE MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS	99
Wagner de Moraes Pinheiro	

Textos sobre a relação ensino-aprendizagem, material didático e cultura africana

A GRAMÁTICA E A BOLA.....	113
Rafael Alvarenga	

A FELICIDADE COMO PROJETO POLÍTICO DE TODOS OS TEMPOS: A SUBMISSÃO DO REI AO PAPA NO *DE REGNO*122
Elza Aparecida Feliciano

APRENDIZAGEM ORGÂNICA: APONTAMENTOS SOBRE A APRENDIZAGEM EM ARISTÓTELES130
Erivelton Rangel Izaias

O QUE É DESIGN INSTRUCIONAL.....138
Gabriel Neves

INFÂNCIA E EDUCAÇÃO BRASILEIRA: UMA BREVE REFLEXÃO147
Gisele Ferreira da Silva

O CONTINENTE AFRICANO NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO APÓS A CRIAÇÃO DA LEI 10.639/03: UM ESTUDO DE CASO.159
Victor Hugo Beňák de Abreu

Textos sobre Filosofia dos Docentes do PPFEN

PHANTASIA: A PALAVRA E O CONCEITO173
Felipe Gonçalves Pinto

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA CARTESIANA: REFLEXÕES SOBRE AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS NAS *MEDITAÇÕES METAFÍSICAS*.182
João André Fernandes da Silva

FILOSOFIA E FILOSOFAR214
Josemir Nogueira Teixeira

EDUCAÇÃO E SINGULARIDADE: “DAR ESTILO AO SEU CARÁTER”233
Luis Cesar Fernandes de Oliveira

O PAPEL DA TOLERÂNCIA NAS LUTAS POR RECONHECIMENTO.245
Marcela Borges Martinez

ALGUMAS DAS DIFICULDADES QUE DEVEM SER CONSIDERADAS ANTES DE ABRIR A FÍSICA DE ARISTÓTELES.....258
Rafael Mello Barbosa (CEFET-RJ/OUSIA)

HABERMAS, O DISCURSO CIENTÍFICO E A ESFERA PÚBLICA.....270
Taís Silva Pereira

APRENDIZAGEM ORGÂNICA: APONTAMENTOS SOBRE A APRENDIZAGEM EM ARISTÓTELES

Erivelton Rangel Izaias

Mestrando em Filosofia e Ensino (PPFEN/CEFET-RJ). Professor de Filosofia do Governo do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC).

E-mail: eriveltonizaias@gmail.com

Resumo: O presente trabalho trata de uma breve apresentação do problema do Aprendizado em Aristóteles, que terá outras implicações passando pelo entendimento de potência e ato, sobre tudo no “De Anima”, livro dedicado ao estudo da alma, enquanto princípio do ser enquanto vivo.

Palavras-chave: Aprendizagem; Aristóteles; Alma; Ensino.

Aprendizagem (Mathesis) e Educação (Paideia)

Da ignorância ao saber, do saber à continuidade de aprendizado, teremos aí um processo ou uma atividade, que à primeira vista nos parece óbvia e puramente natural; sobre a qual, professores e pensadores vêm debatendo ao longo do tempo, sobre os diversos métodos *pedagógicos* (também suas relevâncias e sua eficácia). Desde o Egito até a Paideia grega, a educação é tratada com grande atenção admiração formando e influenciando nossos conceitos educacionais até hoje. As recentes pesquisas mostram a antiguidade do assunto, os escritos sapienciais de Ptah Hotep⁵⁷, tidos como doutrinas obrigatórias nas escolas egípcias, demonstram uma forte preocupação da passagem de determinados preceitos e conhecimento de pais para filhos, mostrando uma preocupação dos mais velhos para com os mais novos para a sucessão e a manutenção de um legado de saberes, necessários e indispensáveis para a ordem social. A Paideia⁵⁸ surge na Grécia antiga, como referencial ainda mais próximo do que conceituamos hoje como educação, salvo pela sua estrutura não apenas baseado no ensino de saberes da polis enquanto estrutura, mas uma forte expressão do saber político e ético moral (o que pra nós hoje soaria um pouco estranho no ambiente escolar).

57 CÂMARA, Giselle Marques. **Maat**: o princípio ordenador do cosmo egípcio: uma reflexão sobre os princípios encerrados pela deusa no Reino Antigo (2686-2181 a.C.) e no Reino Médio (2055-1650 a.C.). 2011. 134 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

58 Paideia como formação. JAEGER, Werner. **Paideia**: a formação do homem grego.

A pluralidade dos fatores históricos, culturais e sociais é de fato importantes paradigmas para discutir o ensino em termos gerais e sistêmicos. Porém se olharmos de forma problemática, para tal assunto, podemos logo nos deparar, com uma pergunta aparentemente corriqueira mas provocativa: Pode haver Ensino sem aprendizado? O Ensino e o Aprendizado tratam se de uma *homonímia*, ou são coisas distintas? Qual é a relação entre elas?

Sem pretensão de encerrar este debate com simples respostas. O intuito do presente trabalho é de esclarecer alguns termos e definir um ponto de partida, para nossas futuras pesquisas. Fazendo ao modo aristotélico de investigação; antes devemos buscar o saber de cada termo, para que partamos de pontos comuns. Trataremos, de aprendizado como uma causa ou um objetivo dos processos de Educação (formação), porque de maneira geral o ensinar só é necessário se houver uma necessidade de aprendizado. A partir disso podemos encontrar um percalço, porém, outras questões podem aparecer, então: O que seria o Aprendizado? É de fato um termo muito usado quando queremos nos referir a apreensão de conhecimento, seja de pessoas e de animais como também de máquinas na inteligência artificial. Então veremos uma pluralidade de definições quando se fala de aprender como reter, algo, ou alguma coisa. Também não nos seria viável discorrer sobre os mais variados tipos de aprendizados, aqui nos ateremos ao sentido aristotélico de "aprender".

Aristóteles foi um grande erudito e pensador onde a magnitude e relevância de seu legado são inquestionáveis até os dias de hoje. A lógica, a metafísica e a física são as partes maiores de seus legados, porém como educador e mestre, ele não se isentou de tratar de vários outros assuntos de muita importância para formação de uma tradição. Filho de médico dava grande importância a investigação dos entes da naturais, animais, plantas e lógico o homem (*zoonpolitikon*), dando especial atenção a ética.

A questão da natureza era muito recorrente em muitas de suas exposições filosóficas, especialmente o *ser vivo o qual dedicará* um extenso estudo, fundando uma *biologia* (no sentido mais lato do termo). A vida passa ter uma certa centralidade na cosmologia aristotélica, que diferente de seu mestre Platão passou a considerar como ente essencial (*tóde ti*) ao contrário das formas representativas (*eidós*).

Faz-se necessário um aprofundamento maior nas questões conceituais (de definição) de aprendizagem e ensino em Aristóteles, não somente por ser um aprendizado que acontece no âmbito da vida mas, em especial porque se refere ao gênero humano que possui também um gênero tal de alma (psique) em conjunção com o corpo (soma), possui a faculdade de: perceber, imaginar, opinar e inquirir.

Aprendizagem (Mathesis) a partir de Aristóteles

Em sua obra “De Anima” (DA), Aristóteles se debruça sobre a investigação da Alma, segundo ele um assunto de relevância por ela (psique) participar dos princípios dos seres vivos, uma peça fundamental para o conhecimento (da verdade) da natureza em sua totalidade. No DA II, Aristóteles investiga depois de percorrer as concepções de seus predecessores o conceito de alma, passando pelas mais conhecidas escolas pré-socráticas ora concordando com alguns pontos ora os refutando, até as doutrinas platônicas sobre tudo contidas no *Timeu*. Apesar de não ter esclarecido de modo conclusivo (final) o conceito de alma no capítulo II do DA, Aristóteles já localiza seu lugar no ser vivo. Os entes naturais para o ponto de vista aristotélico são dotados de matéria e forma: “É necessário, então, que a alma seja substâncias como forma do corpo natural que em potência tem vida” (ARISTÓTELES, De anima, 412a20)

Podemos observar que a alma não representa a substância primeira (Todé ti), mas um princípio de vida a causa formal do vivente, quando uma matéria em um corpo, formando um composto vivente. Adiante veremos também que “[...] a alma é causa e princípio. Além do mais, a atualidade é uma determinação do que é em potência.” (ARISTÓTELES, 2012, p. 80). Então a alma assim será tal, enquanto ato na vida em potência. O ato como forma e a matéria como potência, serão ferramentas importantes usadas para mostrar as alterações (afetar e ser afetado) da alma tanto na nutrição, percepção, imaginação e inteligência entre outras faculdades ou disposições observadas na vida. Porém, tomando o exemplo do que acontece no processo de aprendizado como alteração, na passagem do não saber ao seu contrário (o saber), ele procura explicar essa atividade. Este exemplo por mais propósito didático que ele tenha no contexto, no Livro II, 5, ele não deixará de fornecer, por um outro lado, uma clara visão de Aristóteles em tal obra sobre algo que poderíamos ter como Aprendizagem. Então, vejamos:

“Por um lado, há aquele que conhece no sentido em que diríamos ser o homem conhecedor, por estar entre os que conhecem e possuem conhecimento; e há, em outro sentido, aquele que dizemos ser conhecedor por já saber a gramática (e cada um deles é em potência, mas não da mesma maneira: o primeiro, porque é de tal gênero e matéria, o outro, porque, se quiser, pode inquirir, nada externo o impedindo). E há, por fim, aquele que está inquirindo e em atualidade, conhecendo em sentido próprio, este “A” determinado. Os dois primeiros são conhecedores em potência: um, ter se alterado por via a aprendizagem e por passar várias vezes de uma das disposições contrárias a outra; o outro, de outro modo por passar do ter percepção sensível ou gramática sem exercitá-lo ao estar em exercício.” (ARISTÓTELES, 2012, p. 84).

Nesta passagem Aristóteles, como já referido faz menção aos conceitos de potência (repouso) e atualidade, na alma inicia uma espécie de cinemática (*Kinema*, do grego) do aprendizado que vai da ignorância (privação) à ciência prática. A ciência da aprendizagem em Aristóteles é também uma relação de alterações das disposições da natureza do próprio ser, o que talvez se pudesse comparar em parte (tendo consideração sobre as diversas formas do dizer sobre o ente) ao equivalente de hoje que chamaríamos: de estados de alma ou estados mentais⁵⁹. Portanto, com a permissão das comparações, a mudança de um estado para o outro, caracterizaria o aprender, mas isso não é tido como o ponto principal, mas o de partida, então devemos investigar quais as disposições envolvidas para uma melhor compreensão do esquema.

Observando a passagem acima podemos ver que o conhecedor pode ser pode ter ao menos três formas de compreensão no processo: o primeiro sentido fará menção à potência de aprender presente em todos os homens, que nos faz lembrar do início da metafísica onde ele faz a clássica declaração, de que todo homem tem por natureza o desejo de conhecer, como se pode observar com respeito ao prazer que oferecem os sentidos.

Então primeiro sentido se refere ao conhecedor, tendo um dispositivo fundamental naturalmente encontrado como potência, ou melhor, conservada na substância humana, fazendo todos nós sermos já dotado dessa possibilidade.

O segundo sentido de conhecer faz, neste caso, uma referência direta ao fato de rompemos com um estado de privação de certo conhecimento, que embora já seja possível, só se dará com o constante exercício de se alterar (afetar e ser afetado) de estado de ignorância (privação do saber) para estado de saber. Portanto tal sentido de conhecer é um constante jogo de um estado a seu estado contrário repetidas vezes, do não saber para o saber, do não perceber para o perceber do esquecer ao recordar neste estado envolve sempre as percepções tanto quanto aptas, a imaginação (*Phantasia*)⁶⁰ e também a inteligência (PINTO, 2014). Neste segundo sentido do esquema mesmo que de forma simbólica deve se admitir uma ignorância para que se possa chegar ao seu contrário, quando Sócrates diz “Sei que nada sei” de alguma forma podemos ver a importância mental de tal afirmação, para que continuemos no jogo da busca de um conhecer, mais amplo e profundo pois só reconhecendo as privações que rompemos as barreiras, para um saber real e profundo. Então tal estado seria um reconhecer e um transpassar da inércia inicial, traduzido em “pois é inquirindo que se torna possuidor de conhecimento.” (ARISTÓTELES, 2012, p.85).

O terceiro sentido de conhecer é o de propriamente ultrapassar o estado inercial uma vez já dispondo de um saber de um para o exercício do que já se sabe. Neste estado não há ignorância, mas um conhecer que precisa se completar se conservando em

59 SISKI, John. Aristóteles's nous and the modern mind.

60 PINTO, Felipe Gonçalves. **O conceito aristotélico de *phantasia*.**

si e ampliando, de semelhante pra semelhante. É ato que se amplia até a sua natureza primordial, de *episteme* ao *theoren*, do saber ao inquirir.

Na tradução utilizada como base de pesquisa do “De Anima”, Reis sugere que esta terceira fase de aprendizado poderá sem dúvida estar relacionada com um especial aperfeiçoamento (teleiôsis) do próprio saber onde a atividade (*energein*) progride em direção à própria natureza. A autora recorre às explicações contidas na Física para explicar, o que para ela seria um obscuro e difícil parágrafo, e considera que Aristóteles pode estar retomando as declarações contidas no livro VII da Física, onde deixa explícito que a aquisição de conhecimento a partir dos princípios, não é uma alteração tampouco uma geração, mas uma aquisição da *hexis* intelectual.

Aristóteles afirma (De anima, 417b2) que este processo que é diferente do movimento antecedente de alteração, não poderia ser chamado de instrução (*didaskalian*), mas teria que possuir um outro termo, que contemple a sua singular diferença de referência. Vale ressaltar que, para que em certas linhas interpretativa de Aristóteles potência (*dynamis*) sede espaço ao ato, depois a sucessivas atividades até chegar ao pleno e exercício se tornar a atualidade (*energein*) propriamente dita.

Aprendizado e Ensino

Aprendizagem no esquema aristotélico exposto anteriormente, com as devidas considerações de comparação, seria como se fosse “uma semente” que por vez privada de seu ambiente natural, ainda sim potencialmente seria uma árvore, porém quando encontrando os meios necessários de nutrição (estímulos), pudesse alterar-se, e assim tomaria o desenvolvimento necessário, e de semente passasse a ser um plantinha e depois uma árvore, tornando assim o que perfeitamente chamaríamos de “arvore em ato” com todos seus atributos essenciais. Sendo assim o saber que nos modifica seria uma forma de nutrição do outro, para que exercite o ser de si mesmo até as últimas conseqüências.

Tal comparação, tenta mostrar que a aprendizagem não é uma condição artificial tampouco social, mas um processo ou um movimento encontrado no ser vivo em especial o homem, que como espécie participa da natureza e a ela está submetida, por mais possuidor de uma *hexis intelectual* que se movimenta pra fora dos processos naturais, ainda sim o homem não pode esquecer de onde começa sua condição no mundo, tão pouco a educação pode menosprezar os processos de aprendizagens naturais e contida em todo o homem seja como espécie seja como indivíduo (Todé ti). Então poderíamos ter em Aristóteles um aprender tal que seria um processo de mudanças de estados de potenciais à atividades da própria vida e enquanto ente vivo.

Podemos ver então que a aprendizagem é desenvolvida em pelo menos duas fases, do romper da ignorância inicial, para a não-ignorância; como também do instruído que busca praticar o seu saber, a *ciência pratica* rumo ao inquirir e ao auto-aperfeiçoamento. Estas duas fases mostram no mínimo que há tipos de saberes: o potencial inicial (disposição do ente vivo), o potencial secundário da mudança qualitativa ou pela instrução (Mathêseôsalloiôtheis) e por fim para o saber atual e contínuo (energein), considerada a *ciência praticada*.

Então podemos ver que tal processo por ser natural em primeiro lugar exclui seres artificiais, por mais avançado que sejam em poderem participar desse processo, pois, além de não serem seres por natureza não possuem disposições necessárias, que diferente dos animados (empsychon) que mesmo encontrando os em potência podem mover a si mesmo através das articuladas faculdades da alma à saber: a nutrição, a percepção a imaginação e o desejo necessários e indispensáveis na aprendizagem Aristóteles.

Depois de entendermos o processo de aprendizagem em Aristóteles; veremos como ele rompe com a nossa ideia de separabilidade e artificialidade. Pois tal Aprendizagem enfatiza o ser vivo, o sujeito que se move, que se transforma, assim é tal conceito nos mostra a circularidade de orgânica do processo: o saber que se dispõe por natureza da relação inseparável de alma e corpo potencialmente vivo, o rompimento com a ignorância, uma alteração necessária e contingente; uma disposição para o exercício do saber, e por fim uma constatação da aprendizagem, pela prática do ensinar e inquirir, a prova maior em Aristóteles que houve um processo de a aprendizagem é o fato de uma vez possuir a ciência prática automaticamente apto a transmitir esta saber ao outro que encontra se em estado de privação, portanto, depois de ser conduzido de um estado de poder ao ato, este outrora privado, através do exercitar e inquirir, torna se também capaz de ensinar.

Considerações Finais

Concluimos que todos que podem se dizer conhecedores propriamente são, em potência, aptos também a transmitir, tornando assim a profissão docente uma, necessária função condutora dos estados de potência aos de atualidade a qual este também já se encontra, prova disso, pois é a capacidade de transmitir, não somente “um saber” mas um movimento natural à uma alteridade e depois à um crescimento. O mesmo acontece com o inquirir (a pesquisa e o exercício de reflexão), pois nele é indispensável para se considerar um sabedor. Em suma, a Aprendizagem é um processo de poder suceder-se de um estado à outro ou de ser conduzido culminando na capacidade de ensino e plenitude de exercício do saber envolvido.

Tais implicações são de extrema importância, para a constante reflexão acerca dos modelos de ensino e aprendizado, que temos hoje em dia muito afastado das nossas condições de seres participante da vida natural como todo o cosmo, Aristóteles terá na intelecção algo que foge o mundo natural em termos de movimento, porém o nosso processo de racionalidade encontra-se inteiramente ligado as nossas condições no mundo tal como ele se apresenta, o intelecto é uma das nossas disposições mas não nos define pois somos mais, desta forma o aprender não é puramente intelectual, mas um movimento também participante da natureza, poderias ousar falar sobre uma “aprendizagem orgânica” e vida que ainda que tenha a alma como princípio fundamental vai além disso. Necessitamos de uma reconstrução orgânica em todos os âmbitos de nossa vida e na formação (Paideia) não poderíamos nos isentar de observar o nosso verdadeiro lugar no mundo para que possamos dar saltos verdadeiro em desenvolvimento, não em partes mas de todo nosso potencial de vida.

Referências

ARISTÓTELES. **De Anima**. 2. ed. Trad. Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Metafísica**: volume II. 4. ed. Trad. Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. **Física I-II**. Trad. Lucas Angioni. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009.

CÂMARA, Giselle Marques. **Maat**: o princípio ordenador do cosmo egípcio: uma reflexão sobre os princípios encerrados pela deusa no Reino Antigo (2686-2181 a.C.) e no Reino Médio (2055-1650 a.C.). 2011. 134 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

JAEGER, Werner. **Paideia**: a formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MORAES, Francisco José Dias de. **Do admirar-se ao admirar**: o problema do vouç em Aristóteles. Rio de Janeiro, 2006, 221 p. Tese (Doutorado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PPGF, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

PINTO, Felipe Gonçalves. **O conceito aristotélico de *phantasia***. Rio de Janeiro, 2014, 286 p. Tese (Doutorado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PPGF, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

SISKO, John. Aristótle's nous and the modern mind. In: **Proceedings of The Boston Area Colloquium in Ancient Philosophy**, vol. XVI, 2000, p. 177-198.